

Mulheres indígenas discutem migração

Reunidas em Manaus, representantes de etnias do alto rio Negro querem criar alternativas para manter as mulheres nas áreas de origem

Antônio Menezes

Mulheres indígenas da região do Alto Rio Negro querem criar alternativas econômicas nas aldeias para evitar a migração para Manaus. Elas estão reunidas desde ontem, na sede da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), na avenida Airão, bairro Presidente Vargas e até amanhã pretendem discutir propostas para um plano de trabalho na região, que valorize a cultura, o artesanato, o trabalho feminino e fortaleça politicamente a organização indígena de mulheres.

Em Manaus moram 36 mulheres do Alto Rio Negro que assumem a identidade indígena. O número deve ser bem maior, porque muitas mulheres que migram para Manaus perdem o vínculo com as aldeias e as características de sua cultura, observa a presidente da Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (Amarn), Maria do Carmo Trindade, 33. Nos anos 80, quando Maria do Carmo se mudou para a capital, havia na cidade apenas cerca de 350 indígenas do Alto Rio Negro. A maioria vinha em busca de emprego.

As indígenas apostam no fortalecimento da atividade econômica e no artesanato

Maria do Carmo é da etnia wanana, veio para Manaus há 15 anos, viaja pelo mundo participando de encontros do movimento indígena, mas se mantém em contato com as mulheres de sua cultura, assim como de outras etnias. "Fiquei em Manaus porque aqui perdi meu pai e tinha que trabalhar para sustentar minha família, mas ainda pretendo voltar para o Alto Rio Negro", disse.

Apesar da existência da Amarn em Manaus, o movimento de mulheres não quer oferecer mais atrativos para que as indígenas deixem o interior. O objetivo é conscientizar das dificuldades

enfrentadas na cidade, principalmente quanto à exploração de mão-de-obra, o desemprego e a discriminação. Um exemplo é lembrado por Maria do Carmo: a maioria das mulheres vinha para trabalhar como empregada doméstica e aqui não tinha o direito de falar sua língua, ou encontrar-se com amigas. Algumas já não sabiam mais fazer artesanato, nem reconhecer sua cultura, contou. "A maior participação da mulher indígena na sociedade depende de nós mesmas", diz.

Para a dessana Clara Mota, 29, "quem vem morar na cidade às vezes se perde". Clara pertence à etnia dessana mas, como é casada e vive junto aos tukano, veio ao encontro como representante das mulheres tukano de Itaraquá, localidade do município de São Gabriel da Cachoeira, onde a principal atividade das mulheres é a cerâmica. Ela sugere que "seria bom se as mulheres viessem só pegar opinião (conhecimento) e voltassem para lá e não ficar aqui para produzir para os outros. Não devia vir casar com branco para não deixar acabar nosso povo".

Outra que veio de longe para participar da assembleia da Amarn é Virginia Olimpio, 42, da Associação das Mulheres Indígenas do Rio Içana (Amai). "Se dessem valor ao nosso artesanato, muitas não saiam de lá", afirma. A Amai mantém roças comunitárias e no rio Içana as missões salesianas e escolas ensinam as línguas geral, portuguesa e baniwa.



Virginia e Clara lamentam a perda de identidade das indígenas que migram para a cidade



O evento promove o encontro entre as lideranças indígenas

Proposta é trocar informações

Da assembleia das mulheres indígenas do Alto Rio Negro se pretende retirar propostas de intercâmbio entre as mulheres que migraram para a cidade e as que estão no interior, "na base", como elas chamam.

"É para levar para elas o que se aprendeu na cidade sobre formação política, resgate da medicina tradicional, aproveitamento de alimentos e cursos profissionalizantes. É para pensar em alternativas econômicas, mas fazer um plano para trabalhar em conjunto, dentro das condições que se tem", destaca a presidente da associação das mulheres indígenas do Alto Rio Negro (Amarn), Maria do Carmo. Ao final da reunião será eleita a nova diretoria da Amarn para os próximos três anos.

Antes de iniciar a reunião elas fazem algo que consideram tão

importante quanto o que vão discutir. As lideranças se apresentam aos convidados. Todas se cumprimentam com abraços e sorrisos, uma a uma. E repartem entre si frutas (melancia, laranja, banana) e vários tipos de "caxiri", bebida indígena feita à base de fermentados de batata, abacaxi, cana e macaxeira.

A questão da terra indígena também será discutida no encontro. Um dos temas de preocupação no Alto Rio Negro, segundo Maria do Carmo, é a venda da região dos Seis Lagos, anunciada pelo Governo Federal, sem consultar os índios e suas organizações. Nas proximidades vivem índios ianomamis. A região é rica em nióbio (mineral usado principalmente para a indústria de aviação) e está localizada no Parque Nacional da Neblina.

Artesanato mantém identidade

Ana Trindade, 58, descendente da etnia wanana e animadora da Amarn, é uma das mulheres que assume sua identidade indígena mesmo morando na cidade. Ela e outras mulheres wanana, dessana, tukano e baniwa (nomes de tribos do Alto Rio Negro) se reúnem para fazer artesanato com tucum (fibra de palmeira) e conversar usando a língua de seu grupo étnico, numa oficina de tecelagem e costura instalada na sede da Amarn.

Lá, as mulheres produzem bolsas, redes e outros objetos artesanais que ajudam a complementar a renda de suas famílias. A venda desses produ-

tos é feita no campus da Universidade do Amazonas, no Bosque da Ciência e na própria sede da Amarn (rua 6, nº 156, conjunto Villar Câmara, Zona Leste).

"Fico triste vendo a dificuldade das mulheres com seus filhos aqui na cidade. Eu queria estar na minha comunidade. Mas aqui eu também ajudo, sou animadora da Amarn desde quando começou. É bom quando acho gente humilde e carinhosa que compreende e ajuda nosso trabalho de artesanato", disse Ana, com sotaque que mistura o português e a língua geral falada pelos indígenas.